

O discurso fundador na construção de narrativas em Cerro Largo (RS): uma leitura de nomes de ruas

The founding discourse in the construction of narratives in Cerro Largo (RS): a reading of street names

Ana Beatriz Ferreira DIAS¹

Rafaela Oppermann MIRANDA²

RESUMO: Neste trabalho, problematizamos nomes de ruas enquanto signos ideológicos que apontam para a construção de determinados projetos discursivos no espaço urbano. Analisamos os sentidos produzidos por nomes de ruas do centro de Cerro Largo, uma cidade situada no interior do Estado do Rio Grande do Sul (RS). Das 20 ruas que compõem o centro da cidade, delimitamos a análise à compreensão de oito nomes de ruas. O critério de seleção adotado consistiu na eleição de nomes de ruas que tenham relação com sujeitos ou eventos históricos. Tomamos como fundamentação teórica central a teoria do Círculo de Bakhtin e, no que se refere à metodologia de análise, realizamos o cotejamento entre textos (GERALDI, 2012) desenvolvido no terreno do paradigma indiciário de leitura (GINZBURG, 1989). Notamos que os nomes das ruas sustentam um projeto discursivo que elege a etnia alemã e a religião católica como centros de valor que remetem à origem e à organização da cidade. Com isso, narrativas que envolvam outros grupos sociais não recebem visibilidade no cenário urbano do município. Os nomes das ruas revelam, assim, um certo monolinguismo e univocidade ao construir uma história da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Nomes de ruas. Valoração. Ideologia.

ABSTRACT: In this paper, we discuss street names as ideological signs that indicate the construction of certain discursive projects in urban space. We analyze the meanings that street names generate in the center of the city of Cerro Largo, in the state of Rio Grande do Sul (RS). Of the 20 streets that make up the city center, we limit the analysis to the understanding of eight street names. The selection criteria consisted in choosing street names associated with historical themes or events. We took Bakhtin's Circle theory as our central theoretical foundation and used comparison between texts (GERALDI, 2012), developed in the field of evidence-based reading paradigm (GINZBURG, 1989), as our method of analysis. We found that the street names support a discursive project that chooses German ethnicity and Catholic religion as value centers that relate to the origin and organization of the city. As a result, narratives that include other social groups are not visible in the urban environment of the city. The street names thus reveal a certain monolingualism and univocity in the construction of the city's history.

KEYWORDS: Street names. Valuation. Ideology.

¹ Doutora em Linguística pela UFSCar. Professora na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Cerro Largo, RS, Brasil. E-mail: ana.bdias@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7858-2571>.

² Estudante de graduação em Letras: Português e Espanhol na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Cerro Largo, RS, Brasil. E-mail: rafaelaoppermannmiranda16@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7864-1313>.

Introdução

Entendemos, com Paulo Freire (2008), a importância das leituras de mundo para a compreensão das realidades e dos lugares que nele ocupamos ou queremos ocupar. A leitura da palavra, conforme essa perspectiva, é uma possibilidade de dar continuidade a leituras de mundo, afinal “a leitura de mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 2008, p. 20). Tendo em vista esse processo, Paulo Freire chama a atenção para o fato de as palavras não apenas serem um lugar para compreensão do mundo, mas delas também consistirem em uma certa forma de “escrevê-lo ou de reescrevê-lo”, ou seja, as palavras são capazes de transformar o mundo por meio de nossa prática.

Neste trabalho, buscamos compreender algo do mundo na medida em que compreendemos palavras. Tomamos como objeto de leitura nomes de ruas do centro da cidade de Cerro Largo, situada na região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (RS), com o objetivo de compreender visões ideológicas construídas por meio das designações dadas a elas. Problematizamos, assim, o espaço urbano como preñado de sentidos e capaz de apontar para projetos de discursos que sustentam certo modo de ler e escrever sobre dimensões do mundo.

Observamos que os nomes de suas ruas são importantes materialidades sógnicas na construção da identidade do município. Assim, elegemos, em um primeiro momento, como objeto de estudos, as ruas do centro de Cerro Largo, que, a partir do mapa oficial da cidade, totalizam 20 ruas.

Devido à necessidade de delimitação da pesquisa para melhor aprofundar a leitura, definimos como critério de análise a recorrente referência a sujeitos ou eventos ligados a narrativas sobre origens da cidade. Assim, tomamos, como materiais de análise, os nomes das ruas ligados à fundação da colônia de Serro Azul (atual Cerro Largo), no início de 1900, e à emancipação de Cerro Largo, que se desmembrou de São Luiz Gonzaga (RS), em 1954. Com base nesse critério, o material de análise passou a ser composto por oito nomes de ruas: Pe. Maximiliano, Cel. Jorge Frantz, Helmuth Smidt, João E. München, Dr. Otto Flach, Tr. Aloisio Sander, Neco Januário, Anunciação.

A compreensão que construímos assenta-se na perspectiva teórico-metodológica dos estudos bakhtinianos³. Mais especificamente quanto às orientações metodológicas para a análise dos nomes das ruas, nossa leitura se dá a partir do cotejamento entre textos (GERALDI, 2012) realizado com base no paradigma indiciário de leitura (GINZBURG, 1989).

O cotejamento, em síntese, consiste em colocar diferentes textos em relação uns com os outros. A compreensão dos enunciados será maior, mais profunda, na medida em que o pesquisador conseguir “ampliar os contextos”, ou seja, fazer emergir “mais vozes do que aquelas que são evidentes na superfície discursiva”, não para encontrar a “fonte do dizer”, “mas para fazer dialogarem textos, diferentes vozes”, como afirma Geraldi (2012, p. 29-33). Dar contextos a um texto é, segundo o pensador, “cotejá-lo com outros textos”, correlacionar os textos centrais em uma análise com outros textos. Com isso, o pesquisador retoma alguns nós interpretativos que compõem a cadeia infinita da comunicação entre enunciados, encontrando “enunciados a que o texto responde, a que se contrapõe, com que concorda, com quem polemiza, que vozes estão aí sem que se explicitem porque houve esquecimento da origem” (GERALDI, 2012, p. 33).

Buscamos exercitar o cotejamento no terreno do paradigma indiciário de pesquisa proposto por Ginzburg (1989). O pesquisador, como um detetive que busca pistas para

³ A respeito do léxico “Círculo de Bakhtin” e “bakhtiniano”, bastante empregado neste artigo, entendemos, com Ponzio, que bakhtiniano também é o texto que, nos dias de hoje, torna-se “polifônico, no qual as vozes inclusive aquela de Bakhtin, interagem entre elas e ressoam numa mesma voz” (PONZIO, 2011, p. 50).



compreender os eventos, constrói sentidos e encontra possíveis respostas às suas questões, em um percurso interpretativo fundamentado em argumentos que justifiquem as leituras feitas. Esta é a base do paradigma indiciário de leitura.

A seguir, apresentamos o ponto de partida das reflexões aqui construídas. Abordamos a cidade enquanto materialidade significativa, bem como consideramos enquanto signos ideológicos os produtos ideológicos que a constituem.

Cidade enquanto espaço humano significativo

De início, observemos as percepções tecidas sobre Serro Azul (atual Cerro Largo), no período próximo de sua colonização, nas memórias abrigadas sob o título “Conheça Serro Azul”, de 1926, construídas por Schneider, moradora do município, a partir de memórias enunciadas por outros sujeitos:

A você que vem de longe, transpondo montes e vales, comendo poeira da estrada, chegue para ver como é Serro Azul. Aqui você encontrará um aglomerado de 145 casas, construídas por seis pedreiros que poderão construir também a sua morada [...]. Se você se instalar aqui, dez lojas estarão a sua disposição. Você encontra ceroulas, tecidos como riscados, flanela, pelúcia, brim, chita e botões, etc. Querosene, sal, velas, fumo e outras coisas mais (SCHNEIDER, 2003, p. 58).

Nessas memórias, notamos que chegar a Serro Azul é estar diante de um cenário dinâmico e pulsante, fruto da junção de sujeitos, da infraestrutura e do comércio, que, como tal, conferem significativa movimentação ao lugar. Essa ideia vai ao encontro do sentido de cidade desenvolvido, no campo da pesquisa acadêmica, pelo Laboratório de Estudos Urbanos (Labeurb), que a entende, em sua Enciclopédia Discursiva da Cidade (Endici), como um “espaço geográfico caracterizado por uma concentração populacional que se dedica a atividades econômicas (comércio, indústria, mercado financeiro, atividades culturais, etc.) não rurais (agricultura, pecuária, etc.)” (GUIMARÃES, 2013).

No sentido de melhor introduzirmos a temática que abordamos neste estudo, chamaremos a atenção primeiramente para essa ideia de cidade como um local mais povoado que, devido a isso, diferencia-se do espaço rural. Em um segundo momento, à luz da dinâmica das sociedades na era moderna, discutiremos características do centro e da rua. Em um terceiro momento, abordaremos a cidade enquanto signo ideológico. Esse é, portanto, o percurso argumentativo que traçamos para melhor apresentar a noção de cidade central para este trabalho, que, ocupando-se de nomes de ruas do centro de Cerro Largo (RS), requer uma discussão de elementos sócio-históricos atinentes à realidade investigada.

Sobre a questão da densidade populacional, é relevante mencionarmos a perspectiva de Rolnik (1995), que, ao traçar uma definição de cidade, observa que todas elas, desde a Antiguidade até os dias atuais, têm em comum o fato de serem um território que reúne um número considerável de pessoas, não necessariamente uma grande massa de sujeitos. Isso faz com que, mesmo em cidades menores, encontremos a concentração e a aglomeração de sujeitos.

Essa capacidade da cidade em atrair, por diferentes razões, um conjunto de sujeitos é uma das características que a distingue do espaço rural, com menor povoamento. É importante destacar que, a partir dos estudos mobilizados neste trabalho, a ideia de cidade está associada, desde a Modernidade, à noção de urbano e

ambas se opõem a um estilo de vida no campo, no espaço rural⁴. Desse modo, os sentidos de urbano e cidade estão em uma relação sinonímica entre si e se opõem à ideia de rural, como também afirma Guimarães (2003), quando aponta que os sentidos de cidade e urbano estão em relação, de modo que a vida na cidade pode ser entendida como sinônimo de uma vida urbana.

A vida na cidade acontece e se desenvolve em diferentes espaços sociais, dentre eles, em espaços centrais. Torna-se pertinente refletir, neste momento, sobre o “centro” e a “rua”, espaços constitutivos do cidadão e diretamente relacionados ao presente estudo.

Sobre o centro da cidade, requerem destaque duas questões históricas presentes também no verbete da Endici. A primeira é de que, na história urbana, o centro representava originalmente o “espaço nobre da cidade” e a segunda refere-se ao fato de que o centro pode representar a origem da cidade, isto é, a região a partir da qual ela cresce (GUIMARÃES, 2020). Convergente a essas ideias, está o apontamento do crítico uruguaio Ángel Rama (2015, p. 38) de que, ao longo da história, o centro da cidade caracterizava-se por abrigar uma cidade letrada, “plêiade de religiosos, administradores, educadores, profissionais, escritores e múltiplos servidores intelectuais”. Temos, então, a classe dominante como aquela que habita prioritariamente o centro da cidade.

A segregação social passa a ser a marca registrada desse tipo de arranjo, tão comum, aliás, na sociedade brasileira, uma vez que o centro, como o espaço prioritário de moradia e de fazer da classe dominante, determina, mesmo que por uma silenciosa gestão do espaço, a quem é permitido habitar, com tranquilidade, certos locais. Como afirma Rolnik (1995, p. 45), a segregação urbana funciona “como se a cidade fosse demarcada por cercas, fronteiras imaginárias, que definem o lugar de cada coisa e de cada um dos moradores”.

Nessa dinâmica, a noção de rua, como observa Nunes (2020), está associada à emergência das cidades e, em sua origem, figurou como signo de ordenamento ao dividir-se em conformidade com os moradores e seus ofícios, bem como com as habitações que a contornavam – daí, por exemplo, “rua dos ourives”, “rua dos letrados”.

Cabe considerarmos que, quando se trata do centro, área socialmente valorada, a regulamentação e a organização das ruas são ações empreendidas por várias formas de governabilidade, principalmente aquelas oriundas do Estado. Nesse sentido é que todas as ações que envolvem as ruas de um centro urbano, inclusive a determinação dos nomes dessas ruas, estão em constante observação para possíveis alterações ou manutenção de certo projeto.

Todas as questões que discutimos até aqui não devem levar a crer que as dinâmicas que dizem respeito ao espaço urbano são naturais, desprovidas de vontades e intenções, como se fossem parte de um processo natural relativo aos modos de vida de um povo. Ao contrário disso, entendemos que a cidade, com todas as complexas práticas que a engendra(ra)m e a constituem, tem significações e diz respeito a construções ideológicas.

O espaço urbano, nesse caso, não é neutro e, sim, prenhe de sentidos, pois, como observa o geógrafo Alex Manetta (2017), a história da humanidade é a história das intervenções humanas nos espaços. Para abordarmos, enfim, a cidade enquanto uma

⁴ Não podemos deixar de observar que, nas memórias citadas no início deste item, o campo é representado pela imagem de “montes e vales”, que precisam ser deixados para trás, para chegar-se à cidade, local considerado, do centro de valor da autora, apazível e desejável. Ao apresentar sua terra natal a um possível viajante, Schneider (2003) emprega a metáfora “comer poeira” para se referir à própria viagem, deslocamento, dessa personagem. É estabelecida, portanto, a relação entre campo e cidade de um ponto de vista socialmente valorado no qual a cidade é tida como algo positivo em detrimento do espaço rural.

realidade carregada de sentidos, pensemos, agora, a respeito das duas dimensões interligadas e constitutivas desse espaço, que estão diretamente relacionadas a toda essa discussão feita até o momento: a realidade física e a realidade sógnica dos nomes das ruas.

Com base no pensamento bakhtiniano, podemos considerar que tais dimensões tornam a cidade um produto ideológico. De acordo com Volóchinov/Bakhtin (2017), qualquer produto ideológico é parte de uma realidade natural e social no sentido de ser ele próprio uma materialidade. Está em questão aqui a encarnação do fenômeno em uma realidade material, o que o torna um produto, de fato: “qualquer fenômeno ideológico sógnico é dado em algum material: no som, na massa física, na cor, no movimento do corpo e assim por diante” (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 2017, p. 94). Contudo, na visão do Círculo de Bakhtin, para que esse produto seja ideológico, tornando-se, portanto, um signo, a materialidade precisa transcender a si própria e remeter a algo encontrado fora dela mesma. Essa capacidade de refletir e refratar uma outra realidade, que não a realidade material, refere-se à dimensão ideológica de um determinado produto.

Sem que os produtos deixem de ser objetos concretos do mundo físico, abre-se um outro mundo, o dos signos. Nesse “mundo dos signos”, encontramos um mundo já povoado de valores sociais, cuja realidade é refletida a partir de um ponto de vista ideológico. Orientamo-nos em relação a tudo isso, reacentuando os signos, também com valores do estoque social.

Quando passamos a entrar nesse mundo socialmente valorado e nele viver, temos, então, o que Bakhtin chama, em *O Freudismo* (2009), de nascimento social. Tendo em vista os propósitos deste trabalho, entendemos que proceder à leitura dos signos ideológicos que compõem uma cidade é uma possibilidade de avivar nossos nascimentos sociais e adentrar este mundo dos signos, o qual, precisamos considerar, não é destituído de conflitos.

Como um dos elementos constituintes de uma cidade, os nomes das ruas são materialidades verbais que geram sentidos e, desse modo, estabelecem relações, tensas ou harmônicas, com outros tantos dizeres. São produtos ideológicos, gestados, nascidos e viventes na vida social de uma comunidade. Ainda que pareçam cristalizadas e ausentes de qualquer conflito ideológico, essas denominações são forças ligadas a determinados projetos discursivos de um grupo social e, assim, estão constantemente em relação com outros projetos e outros grupos sociais. Abordar os nomes das ruas é adentrar um mundo onde diferentes projetos discursivos se encontram e entram em embate, é revelar relações de força, de (in)visibilidade de grupos sociais, de (des)construção de identidades para um povo.

A cidade dos signos: ideologias e valorações na tessitura constitutiva de nomes de ruas do centro de Cerro Largo (RS)

Tendo em vista nosso objetivo de compreender sentidos construídos no espaço urbano de Cerro Largo por nomes de ruas do seu centro, tomamos os signos ideológicos como nossos objetos de estudo. Precisamos lembrar que, em um signo, a construção de uma realidade sempre se dá a partir de um ponto de vista valorativo, o qual é entendido pelo Círculo de Bakhtin como ponto de vista axiológica e socialmente valorado. Esse ponto de vista determina se a construção é boa ou má, verdadeira ou falsa, certa ou errada:

o signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la desde um ponto de vista



específico e assim por diante. As categorias de avaliação ideológica (falso, verdadeiro, correto, justo, bom, etc.) podem ser aplicadas a qualquer signo (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 2017, p. 93).

A valoração, porque gesta índices sociais de valor ideológico, isto é, acentos valorativos compartilhados por grupos sociais, é, pois, de base ideológica. Daí que o ponto de vista, ao criar o objeto, refletindo e refratando sua realidade, configura-se como ideológico. Dito isso, dedicamo-nos a abordar a noção bakhtiniana de ideologia.

Com base nos estudos bakhtinianos, podemos afirmar que toda ideologia, enquanto sistema social, remete à determinada visão de mundo. A esse respeito, Miotello (2012, p. 176) esclarece que “a ideologia é o sistema sempre atual de representação de sociedade e de mundo construído a partir das referências constituídas nas interações e nas trocas simbólicas desenvolvidas por determinados grupos sociais organizados”. Aqui, precisamos admitir também o apontamento de Ponzio (2008) de que a ideologia não é apenas visão de mundo, mas também projeção de mundo, já que pode tanto reproduzir uma dada ordem social como também buscar alterá-la pela consolidação da visão de mundo que carrega.

Com isso, entendemos que os nomes de ruas, na condição de signos ideológicos, referem-se, em diferentes formas, a relações sociais mais ou menos tensas, harmônicas ou conflituosas, como também representam visões e projeções de mundo construídas nas interações e trocas cotidianas. Os nomes de ruas, enquanto formas sógnicas, construções discursivas sobre a realidade, são constituídos por apreciações valorativas, assim como também provocam posições valorativas, apontando, nos dois casos, para a realidade, interpretando-a sempre. A desvendar essas interpretações é que nos dirigimos.

Das valorações étnica e religiosa: o centro da cidade como espaço de rememoração

A cidade de Cerro Largo está situada na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, à distância de quase 500 km da capital gaúcha. Importante mencionarmos, desde já, que a imigração alemã é parte fundamental de narrativas em torno da constituição da cidade. Essa presença dos descendentes alemães como parte da identidade do município relaciona-se ao período da história relativo ao movimento migratório para o Brasil, em especial ao Rio Grande do Sul, como afirmam os estudos de Silva (2017) e Treib (2013).

Cabe aqui uma observação quanto à história que abriga o local hoje chamado de Cerro Largo. Precisamos considerar, de antemão, que, mesmo a imigração alemã sendo amplamente reconhecida como parte da história da região, do Estado e do país, a história desses territórios é muito mais ampla e compreende um longo período anterior à imigração europeia para o Brasil. Para Kern *et al* (1991), os vestígios encontrados em pesquisas arqueológicas em terrenos situados no Rio Grande do Sul permitem afirmar que a história desse estado abrange aproximadamente 13 mil anos de ocupação por grupos de caçadores, coletores, horticultores. Os pesquisadores reconhecem, assim, que a história tradicional silencia e oculta todo esse período cultural e social do homem.

Isso já aponta para a seleção de conteúdos quando se trata de construir a identidade da cidade. Não se abrigam todas as histórias no cerne de discursos, e nem isso seria possível. Elegem-se, daquele campo da história que se tem conhecimento, determinados elementos, tornando-os socialmente importantes. Outros elementos poderiam ser eleitos para compor a

história da identidade de Cerro Largo, uma vez que, por exemplo, os imigrantes, quando aqui chegaram, encontraram grupos indígenas, como afirma o arqueólogo gaúcho Arno Kern:

Os colonizadores europeus se encontraram em confronto com duas categorias sócio-econômicas de grupos indígenas: de uma parte os raros grupos de caçadores-coletores-pescadores Charrua e Minuano habitando as zonas de campo, e, de outra parte numerosos grupos de horticultores Kaingáng no Planalto e Guarani nas encostas da Serra Geral, todos eles inseridos na floresta subtropical (KERN, 1991, p. 07).

Ainda sobre os diferentes grupos que habitaram a cidade, notamos que, no site da Prefeitura Municipal de Cerro Largo (2021), mantém-se a centralidade dos imigrantes europeus na história do município, silenciando outros grupos que também estiveram aí, revestindo, de tonalidades positivas, o percurso dos imigrantes na região, ao afirmar que “Cerro Largo é conhecida pela capacidade de superação do seu povo, mostrando, na sua história, a trajetória de imigrantes que acreditaram na força da união, do trabalho e do empenho”.

Essa mesma força de conservação da presença dos imigrantes é observada em narrativas sobre a origem do município. Em um desses registros históricos, encontramos a narrativa de que a colônia denominada de pronto Serro Azul surgiu no início do século XX, precisamente em 04 de outubro de 1902, com a chegada de uma expedição de colonizadores (ESTAÇÃO PRIMAVERA, 2002). Nesse registro, consta também que Serro Azul foi fundada por uma associação de colonos denominada *Bauerverein*, a qual adquiriu as terras da companhia férrea alemã *Nord-west-bahn*⁵, e que seu fundador foi o padre alemão Maximiliano Von Lassberg acompanhado de “Mathias München, Carl Dahmer, João Ten Caten, Mathias Bard, Paulo Schmidt, Philip Guth, Jonah Hoffmann, Peter Martini, Jacob Müller, Peter Ludwig e Michael Schneider” (2002, p. 04). O discurso da revista *Estação Primavera* (2002) indica-nos, pois, que Serro Azul foi povoada por imigrantes alemães e descendentes de alemães católicos.

Porém, encontramos outras narrativas, menos comuns, sobre a origem do município. Na revista *Folha Vip*, mantendo-se a narrativa de importância da etnia alemã, é mencionada a presença dos italianos antes da chegada dos imigrantes alemães. Preservando a construção de memórias em torno dos europeus na região, o trecho afirma:

Quando o Pe. Max e os 12 pioneiros alemães, considerados os fundadores do município, chegaram à colônia Serro Azul em 1902, encontraram já moradores no interior da gleba. Eram os italianos que colonizaram a Esquina Sandri Moscon a partir de 1880 e transformaram-se na segunda maior etnia de Cerro Largo (FOLHA VIP, 2002, p. 14).

Com efeito, ao cotejar os textos das revistas (*Estação Primavera* e *Folha Vip*), ambas voltadas para a comemoração do aniversário da cidade, observamos que as duas mantêm a

⁵ Conforme detalhamento presente na revista *Folha Vip* (2002), a companhia férrea havia adquirido o território do governo estadual por meio de um contrato em que se comprometia com a construção de uma ferrovia, ao que teria o direito à venda de lotes de terra ao longo da estrada. Sem obter êxito no projeto, um novo contrato foi estabelecido, desta vez entre a companhia, o governo do estado e a associação de colonos *Bauerverein*, passando essa última a assumir a colonização das terras dentro de 10 anos.

importância dos europeus na cidade, mas divergem sobre quem, nas suas visões, teria chegado primeiramente na cidade: alemães ou italianos.

A esta altura, precisamos reconhecer que o cenário de surgimento da colônia corresponde àquele de incentivo à imigração europeia para o Brasil pelo governo Imperial no intento de, nas palavras de Treib (2013, p. 26), “povoar e explorar novas regiões”. Também, cumpre somarmos o apontamento de Silva (2017) de que esse contexto é o mesmo de emergência de teorias científicas que se propunham a analisar características biofísicas dos seres humanos e que daí resulta o projeto de colonização por imigrantes no Brasil, o qual encontrou suas premissas em visões racialistas. Julgamos, assim, fundamental a ciência de que Serro Azul era integrante do rol das colônias particulares, aquelas em que, segundo Treib (2013, p. 28), “prevalecia o elemento étnico e religioso”.

Nesse sentido, merece ser mencionada a relação que, segundo *Folha Vip* (2002, p. 16), foi estabelecida entre os alemães e a igreja católica: “o papel da Igreja foi fundamental no desenvolvimento da colônia Serro Azul. Fundada por um padre, a nova terra ergueu-se alicerçada na fé católica, embora a religião protestante também tenha delimitado seu espaço na comunidade”. Além de revelar uma valoração social da igreja católica, o trecho é responsável por desnudar a tensão com o protestantismo. Presumimos, então, que o domínio da religião católica encontrava resistência por parte de um grupo outro que tencionava espaço na dinâmica social de Serro Azul.

Postas essas questões, analisaremos, na sequência, os nomes de ruas do centro de Cerro Largo que compartilham o horizonte axiológico correspondente ao do evento tradicionalmente considerado como de fundação da cidade, entendido aqui como o período que abrange a formação da colônia Serro Azul e a emancipação do município de Cerro Largo. No Quadro 1, listamos os nomes de ruas a serem analisados.

Quadro 1: Material de análise: nomes de ruas do centro de Cerro Largo (RS)

Anunciação
Cel. Jorge Frantz
Dr. Otto Flach
Helmuth Smidt
João E. München
Neco Januário
Pe. Maximiliano
Tr. Aloisio Sander

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Para compreendermos os sentidos (re)produzidos, cotejamos os nomes das ruas, tomados como materialidades signícas, com outros textos, principalmente textos que compõem o número especial da revista *Estação Primavera*, de circulação regional e publicada em 2002. Neste momento do trabalho, essa revista é um importante ponto de ancoragem

para as análises, já que dispõe de páginas dedicadas a contar a história do município através de suas ruas, especificamente no que tange suas historicidades⁶.

Na revista *Estação Primavera* (2002), encontramos que a rua Pe. Maximiliano é considerada a mais antiga da cidade devido à realização da primeira missa pelo padre jesuíta homônimo, tido como um dos fundadores da colônia Serro Azul. Destacamos que essa denominação da rua vigora desde 1956, ano em que uma lei municipal⁷ alterou o nome “Da Fundação” para “Padre Max Von Lassberg”. Sobre esta alteração, atinamos que tenha ocorrido com vistas a tonificar a valoração social do padre Max pela associação da figura religiosa ao afloramento da colônia.

Convém mencionarmos que, nesta mesma rua (Pe. Maximiliano), outros signos ideológicos marcam a construção dessa valoração positiva do Padre Max. Há um monumento, na rua, em referência à primeira missa da colônia, que foi proferida pelo padre. Também encontramos, na mesma rua, um outro monumento, porém localizado na praça (a principal da cidade) com um busto do padre jesuíta.

Com este movimento de cotejo, podemos afirmar que a hegemonia de um discurso, como este relativo à centralidade de um líder religioso e político, se dá pela repetição de sua temática em contextos distintos, que, mesmo ao gerar sentidos distintos, mantém um projeto de discurso semelhante com certo alinhamento ideológico entre seus textos. Não podemos deixar de assinalar que os monumentos, como os acima apresentados, por serem compostos de alvenaria, possuem maior resistência às intempéries da ação do tempo (como: chuva, vento, sol etc.), contribuindo significativamente para a cristalização do discurso dominante. Tudo isso direciona essas valorações para uma tentativa de consagrarem-se, como se fossem perspectivas universais e absolutas para todos, em todos os tempos. Como observa Eagleton (2019, p. 73), “um importante expediente utilizado pela ideologia para alcançar legitimidade é a **universalização** e ‘eternização’ de si mesma”, de modo que “valores e interesses que são na verdade específicos de uma determinada época ou lugar são projetados como valores e interesses de toda a humanidade”.

Para manter essa narrativa enquanto força organizadora da cidade, as designações de outras ruas são, também, fundamentais, pois contribuem fortemente para estruturar e manter os discursos dominantes ligados a determinado contexto sócio-histórico do município. Vamos, então, abordar mais quatro nomes de ruas: “Cel. Jorge Frantz”, “Helmuth Smidt”, “João E. München” e “Dr. Otto Flach”.

Quanto à rua Cel. Jorge Frantz, é importante destacarmos que seu espaço é dotado de certa importância na vida social do município, pois, nesta rua, tanto está situada a prefeitura quanto acontecem as principais festividades oficiais da cidade. De acordo com *Estação Primavera* (2002), o nome desta rua é uma homenagem ao primeiro diretor da colonização de Serro Azul, cujo título de coronel havia recebido pelo destaque na defesa da comunidade⁸. Aqui, novamente a valoração positiva para o contexto da origem da cidade, dos chamados pioneiros.

⁶ Não encontramos outros materiais sobre a história da cidade que explorem a designação dos nomes de suas ruas.

⁷ A lei municipal está disponível em: <https://camaracerrolargo.rs.gov.br/site/leis/47564-lei-municipal-n-036-de-02021956altera-a-denominacao-de-uma-rua>. Acesso em: 25 nov. 2020.

⁸ Segundo *Estação Primavera* (2002), ao diretor cabia presidir a colonização por meio da tomada de decisões e de medidas para a consolidação do projeto. Diante disso, entendemos que a atribuição do título de coronel para aquele que ocupou esse cargo configura-se como uma valoração social cuja ênfase recai sobre ações e experiências advindas da função social assumida pelo diretor de colonização.



Nessa mesma perspectiva, temos a rua Helmuth Smidt, conhecida por possuir muitos estabelecimentos comerciais. Essa rua figura como uma referência ao primeiro agrimensor⁹ da colônia Serro Azul, o qual era natural de Santa Cruz do Sul, professor, comerciante e religioso protestante. Apresenta-se, ainda em *Estação Primavera* (2002), que Smidt foi o primeiro pastor da igreja Martin Lutero, fundador do cemitério de Cerro Largo e o segundo diretor da colonização.

Estação Primavera (2002) traz também dados sobre personalidades homônimas aos nomes de algumas ruas, que, como podemos observar, reiteram o discurso da fundação da colônia por imigrantes, silenciando quaisquer participações que envolvam outros grupos sociais. No caso da rua João E. München, é enfatizado não o contexto da colônia de Serro Azul, como nas ruas anteriores que debatemos até aqui, mas, sim, o contexto da emancipação de Cerro Largo. Preserva-se a ideia de resgate de certa narrativa de pioneiros, com a diferença de que o contexto a ser valorizado passa a ser aquele da secessão da localidade. Neste ponto, cumpre saber que Cerro Largo¹⁰ tornou-se município oficialmente em 1955, com a instalação de uma comissão de emancipação formada por “Jacob Reinaldo Hauptenthal, Arlindo Schneider, Guido Steffens, Dr. Otto Flach, Artur Berwanger, Ney Antunes Maciel e João Edmundo München” (ESTAÇÃO PRIMAVERA, 2002, p. 04). Assim, a rua João E. München refere-se a um desses sujeitos que integrou a comissão de emancipação.

Quanto à última rua deste bloco composto por quatro nomes, temos, ainda em *Estação Primavera* (2002), que a troca de denominação da rua 3 de outubro para rua Dr. Otto Flach na década de 1980 foi uma homenagem ao primeiro habitante natural de Serro Azul a formar-se em medicina em uma universidade e também líder político que atuou como vice-prefeito de São Luiz Gonzaga quando Cerro Largo ainda era seu distrito. Aqui, convém assinalarmos que Dr. Otto Flach também compunha a comissão de emancipação de Cerro Largo.

Diante desses elementos extra-verbais que constituem os sentidos dos nomes das ruas, reconhecemos que os nomes de ruas “Cel. Jorge Frantz”, “Helmuth Smidt”, “João E. München”, “Dr. Otto Flach” e também “Pe. Maximiliano”, correspondem a nomes de pessoas consideradas atuantes na fundação histórica, cultural e política de Cerro Largo: um diretor de colonização; um professor, comerciante e pastor luterano; um membro da comissão de emancipação; um médico natural de Serro Azul envolvido com a emancipação de Cerro Largo; um padre católico. Diante disso, podemos perguntar-nos qual perspectiva ideológica sustenta a designação de ruas com os nomes dessas referidas personalidades.

A essa perspectiva, parece responder o apontamento de Rama (2015) de que, em termos de evolução da nomenclatura urbana (como o são os nomes de ruas), houve três épocas distintas. Na segunda, os nomes das ruas passaram a manifestar vontades recordativas de acontecimentos ou de pessoas eminentes. A essa época de que trata Rama (2015) parece, então, corresponder a motivação para as nomenclaturas urbanas do centro de Cerro Largo apontadas, já que os nomes de ruas se constituem no presente como homenagens a personalidades do passado.

⁹ Aquele que, legalmente, realiza medições e demarcações de territórios rurais.

¹⁰ Conforme *Estação Primavera* (2002), Serro Azul, distrito de São Luiz Gonzaga desde 1915, passou a se chamar Cerro Largo em 1945 por determinação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em *Folha Vip* (2002), encontramos que a alteração do nome se fez necessária porque já existia, no estado do Paraná, um município chamado Serro Azul.

Vem a corroborar esse entendimento a consideração dos pesquisadores Steffens, Henz e Spies (1983, p. 54), os quais, dedicados a compreender dimensões da constituição da identidade de Cerro Largo, afirmam que “na cidade, as ruas todas são identificadas através de nomes específicos. Muitas vezes recebem nomes de personagens ilustres para a comunidade ou para o país. Outras vezes são marcas de datas importantes”. Com efeito, admitimos, aí, que os nomes de ruas se instauram como construções discursivas do/no presente baseadas em memórias de passado e orientadas para um futuro determinado, no qual se pretender preservar, pela tentativa de eternização, certos sujeitos e acontecimentos. Não é, portanto, um projeto de discurso fortuito, mas consiste em um esforço para preservar certas narrativas, e, conseqüentemente, silenciar outras.

Pela evocação de lembranças de pessoas consideradas importantes pela comunidade dominante, os nomes de ruas são expressões de uma memória de futuro - na acepção mesma trabalhada por Geraldi (2010) - projeção de um porvir único porque já determinado. O território do presente é, então, habitado por recordações de um passado que projetam o futuro da cidade. O acontecimento passado apresenta-se como possibilidade para o acontecimento futuro. Guardadas na memória de Cerro Largo, as personalidades encontram vida em um tempo sempre à frente.

Ajudam-nos a aprofundar essa compreensão alguns pensares bakhtinianos, indicando-nos como objetos ou realidades recebem forma sígnica:

em cada etapa do desenvolvimento social existe um conjunto específico e limitado de objetos que, ao chamarem a atenção da sociedade, recebem uma ênfase valorativa. Apenas esse conjunto de objetos obterá uma forma sígnica, isto é, será objeto da comunicação sígnica. O que determina esse conjunto de objetos que são enfatizados valorativamente? Para que um objeto, independentemente do tipo da sua realidade, entre no horizonte social de um grupo e provoque uma reação ideológica sígnica, é necessário que ele esteja relacionado com as premissas socioeconômicas essenciais da existência desse grupo; é necessário que, de algum modo, ele toque, mesmo que parcialmente, as bases da existência material desse grupo (VOLÓCHINOV/BAKHTIN, 2017, p. 110-111).

Apoiando-nos nesse raciocínio, entendemos que os nomes de personalidades tidas como atuantes na fundação de Cerro Largo receberam forma sígnica porque estas estavam relacionadas com certa organização social, política e econômica da cidade. Nesse sentido, um outro nome de rua que compõe nosso material de análise precisa ser lembrado: a Travessa Aloisio Sander. Enquanto uma referência ao antigo dono do terreno concedido para a abertura da rua sob decreto municipal¹¹, podemos, à primeira vista, entendê-lo como dissonante em relação aos nomes de ruas que analisamos anteriormente, já que estes são de personalidades consideradas agentes na fundação ou na emancipação. Contudo, ao admitirmos que a ênfase valorativa do nome de rua reside em visibilizar socialmente aquele

¹¹ Disponível em:

<https://camaracerrolargo.cespro.com.br/visualizarDiploma.php?cdMunicipio=7386&cdDiploma=199110&NroLei=010&Word=&Word2>. Acesso em: 25 nov. 2020.

que doou uma faixa de terra para criação de uma rua e que, portanto, colaborou para a urbanização da colônia, reconhecemos alinhamento à valoração da fundação da cidade.

Já na contrapartida desta tendência, identificamos, no nome de rua Neco Januário, vigorosa dissonância quando lemos em *Estação Primavera* (2002, p. 16) que o sujeito homônimo era um dos agrimensores da equipe de Karl Kulmey e que “não é considerado um dos principais vultos da história de Cerro Largo”. Sublinhamos que o aspecto avaliativo do trecho é acentuado por *Estação Primavera* (2002) com a colocação de que, na década de 70, houve tentativa, sem efeito, por parte de um vereador, de mudar o nome da rua para Mathias München, correspondente a um dos fundadores da cidade e dono de terras nesta rua.

O cotejo dessas informações possibilita-nos desnudar o embate entre vozes. Uma é aquela que valorou Neco Januário ao ponto de lançá-lo como nome de uma rua do centro de Cerro Largo; outra é aquela que sugeriu a necessidade de alteração no nome dessa rua, rejeitando a presença de Neco Januário como valorosa para a identidade do município, sugerindo a mudança para o nome de um dos fundadores, em uma tentativa de retomar o evento de fundação da cidade do ponto de vista político. A ausência de mais informações sobre Neco Januário (como sua naturalidade, por exemplo) também parece reforçar essa atribuição de pouca importância ao sujeito.

Tendo em vista que esses nomes de ruas do centro de Cerro Largo admitem um caráter simbólico expresso pela rememoração da origem da cidade, não sendo, portanto, neutros de sentidos, podemos conjecturar que o espaço central da cidade tenciona remontar a sede da colônia alemã denominada Serro Azul. Desse modo, pensamos que o centro da cidade está para origem da cidade, origem essa que abrigava uma plêiade formada por alemães e religiosos.

Também, ao percebemos atribuição de importância ao evento de fundação da colônia, entendemos que os nomes daqueles considerados atuantes nesse evento funcionam como forças voltadas à cristalização dessas narrativas na memória coletiva. Reconhecemos, pois, a construção valorativa da fundação da cidade enquanto acontecimento considerado significativo, digno de registro na memória material e simbólica da cidade por meio de nomes de ruas.

Em se tratando de inscrição do elemento religioso no espaço citadino, a rua Anunciação merece ser observada. Conforme decreto municipal¹², a oficialização do nome dessa rua aconteceu em 2005. Há, aí, indicativo de que a rua já era conhecida pelo nome Anunciação e que o decreto serviu para tornar esse registro oficial. Segundo *Folha Vip* (2002, p. 20), nessa rua, localizou-se, desde a segunda metade do século XX até a entrada do século XXI, o Instituto Nossa Senhora da Anunciação, “nome que lembrava o primeiro dos 15 mistérios do Rosário”. Com este cotejo, podemos afirmar que a oficialização do nome “Anunciação” quatro anos após o fechamento do Instituto constituiu uma tentativa de consolidá-lo na memória coletiva de Cerro Largo, retomando, como discurso pressuposto, a importância da religião católica na cidade.

Ao final desse percurso de análises, devemos sublinhar que a etnia alemã localiza-se projetada em um espaço de centralidade e de visibilidade em Cerro Largo porque representada por nomes de ruas do espaço central da cidade. Assim, percebemos que os

¹² Disponível em:

<https://camaracerrolargo.cespro.com.br/visualizarDiploma.php?cdMunicipio=7386&cdDiploma=200502&NroLei=002&Word=&Word2=>. Acesso em: 25 nov. 2020.

nomes de ruas funcionam como elos de uma corrente ideológica que se presta a divulgar e perpetuar a cultura germânica. Igualmente, entendemos que esses nomes de ruas pretendem coletivizar a história da comunidade cerro-larguense enquanto uma história de religiosos e de imigrantes alemães e que, ao lançarem-se como representação desses únicos grupos, atuam como forças centralizadoras, monologizantes e, portanto, silenciadoras de vozes outras.

Considerações finais

Com a compreensão das relações sociais que constituem os nomes de ruas analisados, identificamos relações de sentido (re)produzidas historicamente, índices sociais de valor atribuídos e estabilizados, além da historicidade constitutiva desse espaço urbano. Nesse sentido é que nossa leitura assesta a valoração da etnia alemã e da religião católica em Cerro Largo, em que o centro da cidade configura-se como espaço de rememoração de sentidos. Também, que denuncia o deslocamento de vozes e sentidos dissonantes a um não-lugar na história da cidade.

Pelas questões que discutimos neste trabalho, entendemos que os nomes de ruas analisados remetem certamente a um discurso fundador. Como muito bem observa Miotello (2005, p. 271), esse tipo de discurso (fundador) sempre se apresenta como um “discurso explicador” composto por “informações trazidas do passado, transportadas no baú da história e das interações havidas e, recriadas como **possibilidade** a todo instante”.

Em linhas finais, consideramos oportuno sublinharmos a potencialidade dos estudos bakhtinianos em contribuir para a compreensão do urbano e dos sentidos que lhe são constitutivos quando empreendida análise sobre a linguagem e sua dimensão sógnica. Outrossim, julgamos compatível singularizar a emergência desta análise como entrada para a compreensão de outros sentidos que possam emergir de leituras outras da cidade de Cerro Largo (RS).

Referências

- BAKHTIN, M. M. *O freudismo: um esboço crítico*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- EAGLETON, T. *Ideologia: uma introdução*. Tradução de Silvana Vieira e Luiz Carlos Borges. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- ESTAÇÃO PRIMAVERA. *Revista Estação Primavera*. Cerro Largo: Editora Integração Ltda., n. 09, out. 2002.
- FOLHA VIP. *Cerro Largo Cem Anos*. Cerro Largo: Folha da Produção, n. 03, 2002.
- FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- GERALDI, J. W. *Ancoragens - Estudos bakhtinianos*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.



- _____. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. *In: GEGe. Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012
- GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GUIMARÃES, E. *Cidade*. Endici. 2013. Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/endici/index.php?r=verbete%2Fview&id=45>. Acesso em: 20 nov. 2020.
- _____. *Centro*. Endici. 2020. Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/endici/index.php?r=verbete%2Fview&id=103>. Acesso em: 21 abr. 2020.
- KERN, A. A. *et al. Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.
- KERN, A. A. Introdução. *In: Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991, p. 05-12.
- MANETTA, A. Cidade, memória e a formação de sentidos urbanos na dialética do espaço geográfico. *Rua*. Campinas, v. 1, n. 23, p. 77-91, jun. 2017.
- MIOTELLO, V. Ideologia. *In: BRAIT, B. (org). Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- _____. A questão da relação dos discursos fundadores com os discursos formadores. *In: GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO (GEGE). Triboluminescência: Gegelianos & Bakhtin – ainda à sombra*. São Carlos: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGE, 2005.
- NUNES, J. H. *Rua*. Endici. 2020. Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/endici/index.php?r=verbete%2Fview&id=65>. Acesso em: 21 abr. 2020.
- PONZIO, A. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. São Paulo: Contexto, 2008.
- _____. Problemas de sintaxe para uma linguística da escuta. *In: VOLOCHÍNOV, V. N.; BAKHTIN, M. M. Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011, p. 07-57.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE CERRO LARGO. *O Município*. 2021. Disponível em: <https://www.cerrolargo.rs.gov.br/site/conteudos/2038-a-cidade>. Acesso em: 21 mar. 2021.
- RAMA, Á. *A cidade das letras*. Tradução Emir Sader. São Paulo: Boitempo, 2015.
- ROLNIK, R. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SCHNEIDER, M. D. *Vozes do passado: de Serro Azul a Cerro Largo*. São Luiz Gonzaga: Gráfica A Notícia, 2003.



SILVA, L. A. da. *Paisagens Silenciosas: A invisibilidade do negro em Cerro Largo (RS)*. 2017. 111 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Políticas Públicas). Universidade Federal da Fronteira Sul, Cerro Largo, 2017.

STEFFENS, R. R.; HENZ, G. C.; SPIES, A. R. *Cerro Largo, Descobrimos nosso Município*. Cerro Largo: Gráfica Santo Ângelo, 1983.

TREIB, R. R. W. *O potencial da arquitetura rural enxaimel de Cerro Largo/RS para o turismo rural: uma alternativa de desenvolvimento local*. Cerro Largo, 2013.

VOLÓCHINOV, V.; (BAKHTIN, M.). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

